

NA CONFLUÊNCIA ENTRE HISTÓRIA E LINGUÍSTICA

Larson, Pier M. *Ocean of Letters: Language and Creolization in an Indian Ocean Diaspora*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. 398p

“Transformar o modo como pensamos sobre as mudanças de língua e de cultura sofridas pelas colônias europeias” das ilhas ocidentais do Oceano Índico (p.8) – este é o objetivo deste livro lúcido, estimulante e bem concebido sobre Madagascar e sua diáspora. E poucos autores poderiam estar tão bem preparados para este desafio como Pier M. Larson, historiador notável de Madagascar, que cresceu na “Grande Ilha”. Ferramenta central, seu domínio da língua malgaxe abre perspectivas amplas e de longo alcance nas relações sociais na época do império, com o uso de fontes textuais originadas entre a metade do século XVII e o final do XIX. A transformação que Larson busca identificar concentra-se na mudança de paradigma do estudo (histórico) dos processos de criouliização. Mudando o foco de etnicidade para língua, mais especificamente para línguas regionais, Larson acredita poder reorientar-nos em direção à investigação de múltiplas línguas e

práticas vernáculas nos contextos colonial e diaspórico. Isso permite o reconhecimento e a análise apropriada da língua criativa e flexível, usada por indivíduos da diáspora e, portanto, uma exploração mais rica de suas realidades sociais. De acordo com o autor, essa versatilidade linguística, tanto do crioulo quanto de seus vernáculos, caracteriza os contextos crioulos e seus agentes sociais mais adequadamente do que a ideia de hibridismo étnico, atualmente celebrada, porém bastante inflexível. Logo, contra a “crioulidade-como-mistura”, desenvolve, ao longo de seu livro, convincentemente, um paradigma de “crioulidade-como-versatilidade” (p. 352). A cada capítulo, cobre várias fases e aspectos-chaves de mais de dois séculos de trabalho com a língua malgaxe, tudo fortemente relacionado à experiência do encontro colonial.

Em uma sequência de estudos de caso, Larson demonstra como a língua malgaxe foi aprendida por missionários, administradores coloniais e

literatos engajados (autodenominados “pesquisadores”). Um envolvimento linguístico precoce com dialetos do sudeste de Madagascar começa em 1650 com missionários franceses e, a partir de 1820, o malgaxe escrito – posteriormente padronizado, de acordo com o dialeto Merina do norte, com a ajuda de missionários galeses – é usado extensivamente em cartas pessoais e administrativas no reino de Merina. O estudo de Larson toma como ponto de partida uma característica duradoura e notável da região malgaxe, a unidade linguística, frente à diversidade étnica (p. 35). Ele faz uso de uma grande quantidade de cartas malgaxes (de refugiados, viajantes, trabalhadores) não consideradas anteriormente por outros pesquisadores. Essas cartas estendem uma rede de conexões através da diáspora, e são complementadas por exemplos dos arquivos coloniais britânicos e franceses, documentando os esforços coloniais e missionários, através de traduções (da *Bíblia*) e projetos de dicionários, para apoiar a alfabetização e criar um idioma malgaxe padronizado. Isso ilustra processos administrativos de “vernacularismo colonial”, uma noção que Larson qualifica como “o uso da linguística colonial no vernáculo para propósitos imperiais” (p. 133). Estes, por sua vez, como políticas de padronização, também nutriram o crescimento do reino de Merina enquanto império regional de-

tentor de políticas anticristãs (a partir de 1835), que levaram à presença de uma onda substancial de refugiados. Os fragmentos de textos extraídos por Larson das cartas dos refugiados demonstram fortemente como eles estavam divididos entre o amor por sua terra natal e o credo cristão, o que os forçou a fugir. O fluxo de cartas entre a Grande Ilha e a diáspora reflete conexões imperiais, sociais e pessoais. Essas são discutidas mais intensamente em relação às Ilhas Maurício, mas outras ilhas vizinhas são incluídas, como também a costa sul africana (notadamente a Cidade do Cabo), e as metrópoles coloniais.

O argumento de Larson apoia-se em uma gama impressionante de fontes e observações. Um aspecto importante é a ênfase na linguística de indivíduos crioulos em contextos determinados por circunstâncias coloniais. A abordagem do autor não só aparenta ser adequada, com uma visão dos atores sociais e as atitudes que procuramos entender e transmitir como pesquisadores; mas também nos estimula a pensar, além das estruturas supostamente pré-determinadas, sobre as inter-relações entre experiência histórica, o uso da língua e a dinâmica da construção da identidade (de indivíduos e grupos), em contextos socialmente restritos. Larson também aborda a diversidade interna existente no campo da diáspora, dando exemplos de como

indivíduos que falam malgaxe em diferentes sub-regiões e localidades específicas planejam estratégias de comunicação e adaptação alternativas. Em geral, o autor caracteriza o espaço malgaxe como um “oceano de cartas” e um “mar de etnias”(p. 348) ao mesmo tempo. Conforme ele sugere, as tensões entre esses idiomas conectados e diversificados preveem importantes características da história política de Madagascar no século XX.

Para Larson, vernacularização e criouliização são os dois processos centrais (linguístico e social), na arena da diáspora, que se desenvolveram em paralelo, e nenhum dos dois pode ser totalmente compreendido sem que se faça referência ao outro (p. 225). São ambos “dimensões históricas do imperialismo do trabalho forçado” no contexto multicultural da diáspora moldado pela política colonial. Eles interagem produtivamente, e provêm para os indivíduos, como Larson observa, arsenais de “capacidade aprendida”, ferramentas ou registros para orientação e navegação através da diversidade cultural e linguística que caracteriza as sociedades da diáspora (pp. 352-3). Usar o modo de expressão vernacular ou crioulo é uma escolha que as pessoas têm e usam. O autor discute que o caráter multicultural das ilhas e dos portos do Oceano Índico ocidental incluiu, por bastante tempo, o pluralismo linguístico e a escolha fle-

xível da língua como parte do contexto geral. Como pesquisadores, quando trabalhando com fontes vernáculas, não vemos necessidade heurística nem encontramos evidências em arquivos para supor (como é comumente feito) uma relevância do uso da língua vernácula entre a população local que favoreça uma mudança exclusiva para o uso do crioulo colonial. Larson argumenta que essa concepção teleológica da história crioula (p. 230) obstruiu a visão da verdadeira “coexistência e interação de múltiplas línguas e estilos de vida coloniais” na região (p. 223). O autor demonstra que a apropriação vernácula e os processos de adaptação das políticas de línguas coloniais abrem possibilidades para o renascimento de línguas vernáculas e sua revitalização em termos de relevância política e cultural. No entanto, para que isso seja aceito, os pesquisadores precisam conhecer as respectivas línguas regionais muito bem. De outra forma (se essa língua precisar ser negligenciada mais a frente), sua relevância contínua e constantemente reajustada em ambientes novos e em transformação pode não ser adequadamente observada ou compreendida (p. 354).

Para concluir, permita-me um último elogio à presença de extensas citações malgaxes (na sua maioria de cartas) ao longo do livro. Larson coloca as versões originais malgaxes de todas as citações importantes que

usa. Isso permite que os leitores falantes de malgaxe – pesquisadores ou não – tenham a oportunidade de checar e se envolver mais fortemente com as traduções e as interpretações por ele apresentadas. Em relação a isso,

o livro de Larson é uma excelente ilustração do valor adicional e do benefício a ser ganho por estudos que se baseiam, não apenas em conhecimento histórico, mas também em competências linguísticas.

*Kai Kresse**

Zentrum Moderner Orient, Berlim

* Tradução de Ana Carolina Oliveira Pinto